



■ CÁSSIO NÃO ACHOU SUA VAGA NO SHOPPING POPULAR

# Feirante queria mais tempo

A maior reclamação dos feirantes foi a forma com que foram retirados do local, segundo alguns, as pressas. José Joaquim Faria, 54 anos, chegou com a filha Solange Faria, 31, do velório da mãe de José, fora do DF, e depararam com o quiosque sendo demolido. José tentou retirar portas e desmontar o que pôde, mas era tarde demais. "Não nos avisaram, não mandaram nada escrito. Trabalhamos com a família aqui e eles levaram nosso trabalho. Ainda estamos devendo uma prestação do quiosque", desabafou Solange.

O feirante Raul Nerez da Costa, 37 anos, foi ao Shopping Popular conferir a área que ganhou. Segundo Raul, o local é bem posicionado e as instalações são boas, mas ainda não existe um espaço para expor mercadorias. "Aqui não tem box, e não temos mais barracas. Assim, teremos de expor no chão. Se tivessem dado um prazo maior, estaríamos mais bem planejados. Disseram que teríamos uma empresa para financiar os boxes, mas não tem, e não é todo mundo que vai ter R\$ 4 mil ou 5 mil para levantar

uma instalação de uma hora para outra", argumenta.

Já o feirante Cássio Alves Costa se queixa que a vaga que ganhou não existe. Cássio explica que a numeração no local salta de 627 para 646. "Assim, ficamos prejudicados. Meu número é 628. Olhei no mapa e meu espaço não está lá", reclama. Por outro lado, o morador de Ceilândia, o taxista José Brandão, 37 anos, acha que a remoção precisava ser feita. "É a maior região administrativa do DF. Não podia ficar assim para sempre.